

ARTIGO

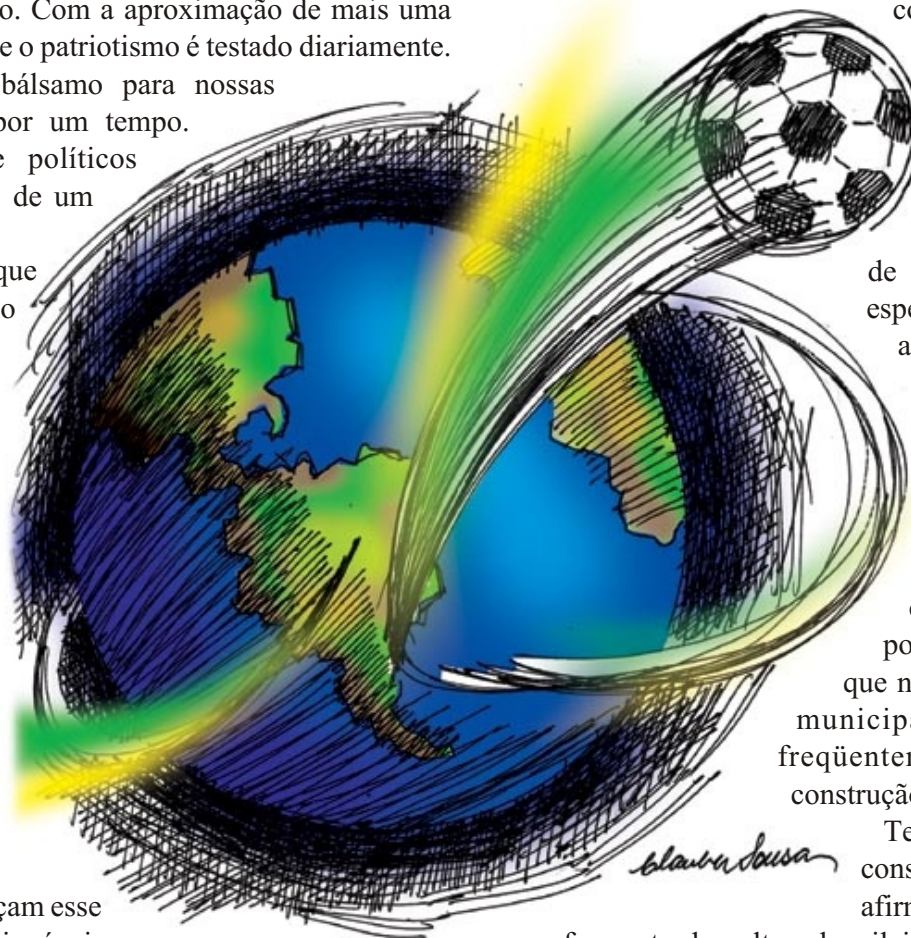
Pra frente, Brasil!

O Brasil esportivo sempre foi um sonho. Com a aproximação de mais uma Copa do Mundo nossos ânimos se elevam e o patriotismo é testado diariamente. O resultado, se campeão, servirá de bálsamo para nossas frustrações do cotidiano, pelo menos por um tempo. Teremos ídolos criados, dirigentes e políticos consagrados. Será a redenção ao projeto de um novo Brasil.

John Andrews disse no *The Economist* que "A Copa do Mundo consegue na paz aquilo que as nações só alcançam na guerra: a identidade coletiva de pátria". E por aflorar esta identidade coletiva de pátria que se aproveitam os meios de comunicação e políticos para exploração do povo. No campo comercial, infinidade de produtos são postos à venda, no campo político, a busca da mídia permanente.

Mesmo sendo brasileiro e não desistindo jamais, o já ganhou está no imaginário brasileiro. Raros são aqueles que apontam para uma competição equilibrada com equipes equilibradas, com preparações técnicas e táticas similares. Os meios de comunicação reforçam esse clima por interesses financeiros, questionáveis, mas legítimos. Preocupante é ter que conviver com o ufanismo exacerbado. Isto porque o futebol tem particularidades que confundem todos aqueles que costumam estudá-lo ou buscam, minimamente, entendê-lo. Como ainda não podemos dar crédito a muitas estruturas organizadas, quer no campo social, quer no campo político, estamos passando uma procuração ao Parreira para que nos represente e, esse bem representar, será com o hexa-campeonato.

Nada menos. A bandeira do somos os melhores, sou brasileiro não há quem possa... é a que vale. Se perder, foi incompetência dele, se ganhar, fomos todos nós. Estivéssemos em estado de sítio ou em pleno período ditatorial esse ufanismo seria perfeitamente



“O esporte, aqui, sequer é considerado cultura”

compreensível, pois o caos social pode ser confundido com carência de ídolos. Esqueçemo-nos, no entanto, que todos os países farão do Brasil o seu alvo preferido, afinal foi o ganhador da última Copa. Como seus dirigentes dizem que ele é o melhor e o maior em tudo, na derrota terão de explicar porque ao invés de vender o espetáculo, por inépcia, se obrigam a vender os artistas? Na vitória, seus argumentos se manterão por mais quatro anos.

Não sou pessimista e tampouco torço pelo fracasso do Brasil, mas seria bom que isso ocorresse. Caso contrário, como explicar que não temos uma política esportiva no e para o país? Que o esporte, aqui, sequer é considerado cultura. Que os legisladores possuem dúvidas quanto a sua importância já que não aprovam leis que o incentivem em nível municipal, estadual e nacional. Confundem freqüentemente esporte de representação com construção de ginásios.

Tem um Ministério dos Esportes que não considera o esporte como cultura, ainda que afirme em discursos demagógicos que o futebol faz parte da cultura brasileira. Incentivos fiscais para quem investe no esporte amador ou profissional é bandeira tremulada somente em época de eleição. Vale dizer, é promessa política, não se concretiza. Quem sabe agora para explorar o momento enfraquecido do seu partido, o Presidente Lula faça chegar aos Estados e Municípios governados pelo PT a "importância" do esporte e de leis de incentivo ao esporte. Se vir, virá tarde, mas antes tarde do que nunca.

Que esta Copa do Mundo sirva, na vitória, para exaltar os filhos da miséria como um degrau a mais na ascensão social familiar do nosso povo. Na derrota, para desmascarar os governantes que temos e por vezes, merecemos. Pra frente, Brasil!

SÉRGIO CARVALHO

Professor aposentado do Centro de Educação Física e Desportos da UFSM

DICA CULTURAL

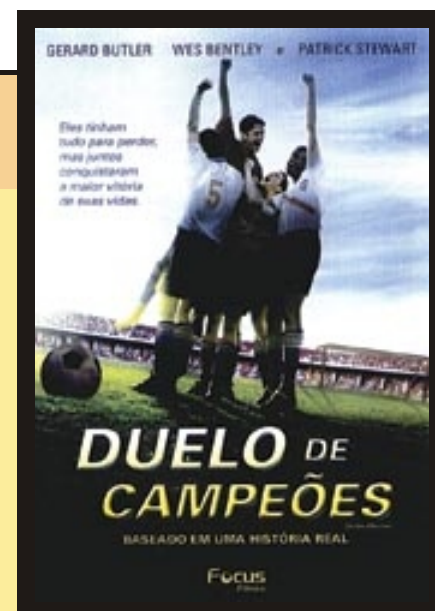
FILME

Filme: **Duelo de Campeões (DVD)**

Quem viu? **Candido Otto da Luz (*)**

Em ano de Copa do Mundo é interessante assistir filmes como "Duelo de Campeões", de David Anspaugh, com Gerard Butler, Wes Bentley e Patrick Stewart. Aliás, o título em português é lastimável. O original, em inglês, "The game of their lives", se levado ao pé da letra, seria o mais correto. Baseado em fatos reais, conta a história desde a formação até a participação da seleção de futebol dos Estados Unidos no Mundial de 1950 no Brasil. Naquela que é considerada a maior zebra dos mundiais, os Estados Unidos venceram a seleção da Inglaterra por 1 x 0, dia 29 de junho, em Belo Horizonte. Os ingleses com time completo, com Alf Ramsey, Williams, Mullen e outros grandes astros. O grande Stanley Matthews não jogou, poupado para a partida seguinte contra a Espanha, quando os ingleses perderam e foram eliminados na primeira fase. O gol foi do haitiano Larry Gaetjens.

O time norte-americano tinha, ainda, um goleiro italiano (Borghi), um zagueiro belga (Maca) e dois atacantes portugueses (os irmãos Sousa). Uma verdadeira miscelânea. O "recrutamento" dos jogadores para formar a seleção dos EUA é uma coisa que beira o surrealismo. O autor do gol da vitória, por exemplo, trabalhava numa lanchonete. Com a promessa de 100 dólares, mais despesas, aceitou integrar a seleção e viajar ao Brasil. Emocionante, no final do filme, a homenagem feita aos remanescentes daquela seleção, confraternizando com os atores que os representaram. Os extras do DVD tem o "making-off", depoimento do diretor, atores e dos verdadeiros atletas de 1950. Imperdível! Ah, os brasileiros torceram para os EUA e invadiram o campo no final da partida para confraternizar com as "zebras".



(* Jornalista da Rádio Universidade)